

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 18ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Jardins do CCJF recebem meliponário de abelhas itaí e jataí

Nos jardins do CCJF, inauguração de meliponário e de escultura em homenagem à biodiversidade abre programa que reúne ações a favor da regeneração ambiental

Pioneiro, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), se torna o primeiro espaço cultural do Rio de Janeiro a instalar um meliponário nos jardins de suas instalações, localizada na Cinelândia, Centro da cidade. A iniciativa, que aconteceu no último dia 23 de setembro, faz parte do *Programa Clima de Mudança*, desenvolvido pelo CCJF que, até dezembro, irá reunir ações culturais em prol da regeneração ambiental, da

Prêmio Quis Ego Sum: resultado da Etapa de Habilitação



A etapa de habilitação do *Prêmio Quis Ego Sum*, concurso para descobrir a figura histórica apagada em parede da Sala de Sessões, foi concluída.

As inscrições consideradas habilitadas seguem para avaliação das propostas pela comissão avaliadora. As não-habilitadas tem até 15 de outubro para apresentar recurso com argumentos a seu favor.

Os participantes foram comunicados individualmente, via e-

valorização da biodiversidade brasileira, do consumo consciente e da justiça socioambiental. A intenção é mobilizar a sociedade a pensar e agir em favor das gerações futuras.

A inauguração do meliponário de abelhas nativas sem ferrão instalado pelo meliponicultor Gabriel Costa nos jardins do CCJF contou com palavras de agradecimento do diretor-geral do CCJF e desembargador do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), Dr. Theophilo Miguel. Para ele, colocar em prática um projeto envolto de preocupação ambiental, no coração da Cinelândia, é inovador e precisa ser incentivado. “É isso que temos que fazer. Temos que ser expansionistas e nos preocupar em trazer a sociedade para perto de nós e proporcionar a ela cultura, preocupação ambiental e sociabilidade. Agradeço a todos pelo momento”, destacou na cerimônia de abertura.

Ricardo Horta, diretor-executivo do CCJF, um dos responsáveis pela concepção do *Programa Clima de Mudança*, também agradeceu aos envolvidos no projeto, ressaltando que centros culturais são espaços de aprendizado e difusão de conhecimento. Segundo Horta, a instalação de um meliponário permite debater sobre biodiversidade, polinização e sustentabilidade. “Servirá de apoio a oficinas, visitas guiadas e projetos escolares promovidos pelo CCJF que passa a ser um pioneiro na instalação dessas colméias. Nosso principal objetivo é promover o conhecimento sobre as abelhas sem ferrão e contribuir para sua preservação”, ressaltou.

Para o meliponicultor Gabriel Costa, também presente na abertura, a criação do meliponário é mais do que uma ação simbólica, é um convite à reflexão sobre a importância da sustentabilidade em espaços urbanos. “Para mim é quase a realização de um sonho instalar um meliponário no Centro do Rio, no sentido de conseguir fazer a meliponicultura urbana. Pensando em como eu comecei isso, anos atrás, ao polinizar uma plantação de abóbora, fui entendendo, na verdade, a importância da preservação e da conservação, conservar o que já existe e preservar o que está aí e o que está por vir”, pontua. O especialista lembra que a maior biodiversidade de abelhas do mundo, responsáveis por grande parte da polinização de plantas e flores, está no Brasil mas, infelizmente, ainda falta consciência da população do país sobre a importância dessa riqueza ecológica. “Espero que as abelhinhas tragam um pouco mais de consciência no sentido de que esses bichinhos estão mais ao redor do que a gente percebe”, refletiu Gabriel.

Junto ao meliponário, que conta com três caixas com abelhas das espécies irai e jataí, foi inaugurada a escultura *Monumento à Biodiversidade Brasileira*, uma homenagem da artista Manu Alves a mais de 500 tipos de abelhas nativas existentes no Brasil. A obra de arte em mármore e resina que ficará permanentemente nos jardins do CCJF marca o contexto de crise ambiental global e enaltece as abelhas brasileiras sem ferrão, destacando a beleza e unicidade de cada uma e conectando arte e educação ambiental. “A biodiversidade no Brasil é imensa e precisamos compartilhar conhecimento e saber

mail, sobre o resultado da análise documental.

FotoRio 2025:
Juvenal Pereira
compartilha
experiência da
cobertura do funeral
de JK



Para encerrar em grande estilo as atividades extras do *FotoRio 2025*, o fotógrafo Juvenal Pereira contará ao público, no **próximo dia 22**, relato de experiência sobre a cobertura do funeral do Presidente Juscelino Kubitschek em Brasília, ocorrido em 1976.

Na ocasião, além de imagens complementares à exposição, Juvenal vai compartilhar também suas impressões pessoais sobre o acontecimento histórico.

A atividade é **gratuita**, às 18h, na Sala de Cursos do CCJF. Além de Juvenal, autor da exposição *O povo leva...O povo leva... Funeral de JK*, o evento contará com a participação de Ana Mauad, historiadora e professora do Programa de Extensão do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Labhoi-UFF)

como preservar a natureza. Então, queria agradecer pelo convite. É uma honra poder inaugurar uma obra de arte no **Centro Cultural Justiça Federal**, principalmente no 1º meliponário em um centro cultural no estado do Rio”, ressaltou Manu. A artista explica que a obra que complementa o meliponário tenta comunicar um pouco da biodiversidade presente no país. “É um monumento à biodiversidade brasileira pois fiz a representação de alguns ‘pitus’ (*entrada das colméias*) de diversas espécies de abelhas nativas brasileiras para entendermos a dimensão e a unicidade de cada uma, o quão incrível é aprender e entender a importância delas”, explicou.



Da esquerda para direita, Ricardo Horta, diretor-executivo do CCJF, Dr. Theophilo Miguel, diretor-geral do CCJF, Manu Alves, artista, Gabriel Costa, meliponicultor, e Maria de Oliveira, diretora de Cultura do CCJF. Todos prestigiaram a abertura do meliponário nos jardins do CCJF

Próximas atividades do Programa Clima de Mudança — Para os interessados em mais ações que envolvem cultura, regeneração e meio ambiente, incentivando o cuidado com a cidade, o consumo consciente e a regeneração dos territórios, o CCJF expande a agenda do programa em variadas atividades que acontecem nos próximos meses, até dezembro deste ano. No cinema, a mostra *Mar Azul* apresenta no dia 25 de outubro a animação *Mar Azul à Vista*, que convida crianças e jovens a conhecer a chamada *Amazônia Azul* e refletir sobre ciência, soberania e conservação marinha. Nas artes cênicas, dia 7 de novembro, o espetáculo *Nixi Pae - Encantos da Natureza* evoca a cosmo percepção do povo Huni Kuin e propõe uma retomada da natureza nas cidades como força espiritual e ancestral. Na música, o CCJF recebe em seu palco, no dia 12 de novembro, o concerto *Canto de Mangava*, de Luíza Borges e Thiago Thiago de Mello, que celebra a poesia, a Amazônia e a magia da floresta, entrelaçando vozes e sonoridades que revelam os contrastes e encantos do Brasil.

e mediação de Milton Guran, antropólogo, fotógrafo e curador do FotoRio. Venha prestigiar!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br

Além disso, no audiovisual, a *Mostra de Realizadoras Indígenas* (18, 19 e 20 de novembro), organizada pelo Instituto Mexicano de Cinematografia, destaca obras de cineastas indígenas que abordam identidade, ancestralidade e autonomia em diálogo com o “Ano da Mulher Indígena” no México. Em artes visuais, a exposição *Dar nome ao futuro*, das artistas Nathalie Ventura e Dani Cavalier, com curadoria de Ana Carla Soler, abre dia 10 de dezembro nas galerias do 2º andar do Centro Cultural e investiga a relação entre a humanidade e todas as formas de vida, em diálogo com os questionamentos levantados pela conferência.

Encerrando as atividades do programa, nos dias 16, 17 e 18 de dezembro, a mostra *Visões do Mar* traz filmes que dão voz a comunidades costeiras, quilombolas, indígenas, cientistas e ambientalistas, transformando a tela em espaço de escuta e resistência. Acesse o cronograma completo no [site do CCJF](#). Participe!



Cinema gratuito a céu aberto na Cinelândia, com presença especial, encanta o público

Sabe um projeto idealizado com muita paixão e vontade de fazer acontecer? Uma iniciativa que juntou vários envolvidos com o objetivo de retomar um importante espaço histórico cultural e incentivar o acesso à cultura para todos, principalmente para aqueles que não tem a possibilidade de usufruí-la por falta de recursos? Esse é o *CineLândia - Cinema na Rua*, fruto de uma realização do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, da Banca do André e da Associação dos

Refúgio para a mente (e para os olhos)



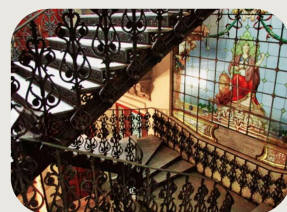
Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

Servidores Públicos da ANCINE (ASPAC) – com apoio do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro –, que teve a 1ª edição no último dia 26 de setembro, exibindo em um telão ao ar livre na Rua Pedro Lessa o filme *Um Lobo entre os Cisnes*, de Marcos Schechtman e Helena Varvaki. O longa-metragem narra a história real do bailarino brasileiro Thiago Soares, que trocou o *hip hop* de um subúrbio carioca pela disciplina do balé clássico, tornando-se um sucesso internacional ao se tornar o primeiro bailarino do *Royal Ballet* de Londres.

Com uma estrutura de cerca de 200 lugares, a estreia começou com uma breve apresentação dos envolvidos no projeto, entre eles: Dr. Theophilo Miguel, diretor-geral do CCJF, André, da Banca do André, Ricardo Horta, diretor-executivo do CCJF e Alexandre Muniz, representante da ASPAC. Após o filme, que emocionou o público e os organizadores de forma genuína, a plateia, envolvida e atenta, pôde ouvir o bailarino Thiago Soares, que prestigiou a sessão de cinema e ficou muito feliz e emocionado com a receptividade do público que conheceu um pouco da sua história de vida. O artista reforçou a ideia de inclusão e a importância de políticas públicas como a do *CineLândia - Cinema na Rua*, além de elogiar a ação e parabenizar todos que a tornaram realidade. “O mundo do balé clássico é um mundo dos grandes teatros de tapete vermelho, um mundo do erudito, do luxo, do sonho incansável, mas esse mundo só faz sentido se ele tiver uma conexão real com asfalto, com as pessoas, com a vida como ela é e com a sociedade”, pontuou o artista. Para ele, essa conexão entre o glamour, a inspiração, a potência de uma mentoria e a realidade, nua e crua, é a tônica do filme – e o que o faz tão especial, premiado inclusive no 29º *Inffinito Brazilian Film Festival* (2025), em Miami, e no *Festival Cine Ceará 2024*. “Esse projeto dá acesso, cria um diálogo público; é política pública. Precisamos de mais projetos de política pública em que a gente possa dividir as nossas histórias, se reconhecer e seguir sonhando”, destaca.



Papo com Thiago Soares, bailarino brasileiro tema do filme 'Um Lobo entre os Cisnes', e Thereza Balthazar, da Comunicação do CCJF



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabe quais materiais compõem a escadaria principal do CCJF?

A escadaria principal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), produzida em Glasgow, na Escócia, chama a atenção e encanta os visitantes. Construída em ferro fundido, possui corrimão de latão e degraus de mármore Carrara, tipo de mármore de alta qualidade branco

O encontro ainda abriu espaço para que os espectadores interagissem fazendo perguntas ao bailarino. Sobre como ele enxerga o papel de ser inspiração para muitas pessoas que lutam todos os dias para terem sucesso na carreira ou apenas conseguir se sentir valorizado em uma profissão (e na vida), ele pontua: “uma das coisas mais emocionantes que tem acontecido é que recebo muitas mensagens de pessoas que assistem o filme e dizem que a história delas é muito parecida com a minha, ‘eu me reconheço em lugares da sua jornada’. Eu era um menino rebelde, mas sempre com boas intenções. Por ter tido o privilégio de ser educado dentro das artes, dentro da cultura, tive a oportunidade de me transformar, de descobrir ou buscar sempre minha melhor versão. Com o Dino, meu mentor, descobri o que era amor incondicional, descobri sobre relação, o quão potente ela pode ser quando a gente se permite conhecer algo que talvez a gente não tivesse oportunidade de se abrir e saber em quem a gente pode se transformar. O sentido de mentoria que esse filme tem é de nos fazer acreditar que é possível chegar lá”, conta Thiago.

A proposta é que o projeto, *Cinelândia - Cinema na Rua*, tenha exhibições mensais, sempre gratuitas, com preferência para filmes brasileiros com legendas em português, sendo acessível aos deficientes auditivos. A ideia é incentivar o acesso à cultura, direito fundamental e universal, para um público que, por vezes, não tem a oportunidade de usufruí-la por falta de recursos. É de extrema importância que projetos como esse ganhem cada vez mais espaço, já que a Cinelândia é um território vivo de arte e cultura!



A emocionante despedida de A *Descoberta das Américas*

ou de azul-cinza extraído da cidade de Carrara, localizada na ponta mais ao norte da atual Toscana, Itália.

Foi adquirida por catálogo e montada no edifício, tornando-se um dos símbolos do espaço. Essa verdadeira obra de arte cria um belo conjunto com o vitral da deusa Justiça, situado após o primeiro lance de degraus da escada.

Você já reparou em todos os detalhes dessa linda escadaria do Centro Cultural? Se não, venha nos visitar e conferir de perto!

Durante o mês de setembro, o palco do Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** foi um dos locais da temporada de despedida do espetáculo *A Descoberta das Américas*, um monólogo estrelado pelo ator Júlio Adrião e dirigido por Alessandra Vannucci.

A atuação de Júlio é marcada por uma alternância de vozes e gestos, enquanto interpreta o protagonista Johan Padan, um homem simples que, após escapar da fogueira da Inquisição, acaba atravessando o Atlântico rumo ao Novo Mundo. Sua trajetória é marcada por naufrágios, escravidão e adaptação forçada, até que, aos poucos, aprende a língua dos nativos, conquista a confiança deles e chega a ser visto como líder e “milagreiro”.

Com uma sonoplastia recheada de onomatopeias criadas pelo próprio ator em cena, a peça arrancou gargalhadas e manteve a plateia atenta do início ao fim. Cada movimento e cada som produzido por Julio pareciam criar cenários inteiros diante do público, como o mar agitado, os confrontos entre os nativos e os estrangeiros, e até as aldeias indígenas.

A adaptação do texto do dramaturgo e comediante italiano Dario Fo ganha vida nesse espetáculo, que transforma a violência e o absurdo da colonização em cenas que fazem rir, mas também convidam à reflexão.

A temporada de despedida de *A Descoberta das Américas* no CCJF foi recebida com entusiasmo, depois de quase duas décadas em circulação. O espetáculo encerrou seu ciclo no Rio de Janeiro deixando no público uma vontade de contar com mais um temporada de longos anos.

O ator e produtor Julio Adrião compartilhou que decidir fazer essa despedida foi uma ótima decisão, já que reacendeu o desejo do público de encontrá-los, além de ter gerado um bom retorno à equipe pois contou com várias sessões quase lotadas. “Apostar nessa temporada de despedida foi a decisão mais acertada possível, pois, com ingressos a custo acessível, geramos uma receita suficiente para compensar os esforços e dedicação de nossa equipe, bem como reacendemos o desejo do público de vir nos encontrar, além de alavancar uma continuidade desse processo de despedida”, declarou.

A atriz Manoela Prado, que é uma grande fã do espetáculo, contou como se sentiu impactada ao assistir a peça mais uma vez. “É sempre um privilégio testemunhar essa entrega em cena. Ao sair do teatro, fica a sensação de ter sido atravessado por algo maior. A performance não apenas narra, mas convida”, compartilhou Manoela.





Em ano de COP30 no Brasil, abertura do FotoRio 2025 no CCJF convida à reflexão sobre meio ambiente, diversidade, identidade e resistência

O Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) abriu, no último dia 9, suas portas e galerias para receber um dos mais prestigiados festivais de fotografia da América Latina, o *FotoRio*. Ao todo, são nove exposições que oferecem ao público uma oportunidade única de conferir obras de grandes nomes da fotografia contemporânea, nacionais e internacionais, que tratam de temas fundamentais nos dias de hoje, entre eles identidade, ancestralidade, justiça social e meio ambiente. Entre as mostras, três fazem parte da temporada França-Brasil, que acontece na cidade do *Rio de Janeiro: Mulheres: identidade e meio ambiente — Uma cartografia sensível*, das artistas francesas Alice Pallot, Karen Paulina Biswell, Caroline Tabet, Sophie Zénon, Flora Nguyen, que explora vínculos entre identidade e meio ambiente, com poética sensível e crítica, *Sóis Negros*, de artistas afro-guianenses Nathyfa Michel, Karl Joseph, Marc-Alexandre Tareau, OJOZ, NouN & T2i, Dayfe, Billy, que também dialoga com a cultura francesa e, ainda, *Nego Fugido - Memórias Quilombolas*, do fotógrafo e pesquisador Nicola Lo Calzo, projeto documental sobre resistência negra na Bahia, unindo história e poética visual.

A cerimônia de abertura contou com artistas, convidados e autoridades, entre elas, Dr. Theophilo Miguel, diretor-geral do CCJF e desembargador do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), Anne Louyot, comissária geral da Temporada França-Brasil 2025, Emmanuel Lenain, embaixador da França no Brasil, Eric Tallon, Cônsul da França no Rio de Janeiro, além de um dos coordenadores do festival, Milton Guran, e os curadores da mostra *Mulheres: identidade e meio ambiente* Ioana Mello e Jean-Luc Monterosso, fundador e diretor da *Maison Européenne de la Photographie*, em Paris.

O diretor-geral do CCJF deu as boas-vindas ao público e agradeceu pela honra de sediar, mais uma vez, o *FotoRio*, que nos convida a uma reflexão compartilhada sobre identidade, ancestralidade, preservação ambiental e construção de um futuro comum. “Esta edição marca um momento único: a integração do festival à Temporada França-Brasil, uma prestigiosa iniciativa que celebra dois séculos de amizade, diálogo e cooperação cultural entre nossas nações”, destacou Dr. Theophilo. Ele lembra a longa parceria entre o Centro Cultural e o festival, que ocupou o prédio histórico inúmeras vezes, inclusive em sua 1ª edição. “Desde 2003, o CCJF e o *FotoRio* constroem uma colaboração exemplar, tornando nossas galerias um espaço vibrante de diálogo entre arte e sociedade”, frisou.

Milton Guran, um dos coordenadores do festival, agradeceu a oportunidade de ocupar mais uma vez o CCJF e ressaltou a importância de valorizar a carreira de servidores que trabalham há anos no espaço. “Nós nascemos aqui, há 22 anos. Fico feliz de ver que o pessoal da casa, que foi fundamental para que nós pudessemos estar aqui, continuam no Centro Cultural, chegando ao topo da carreira. Para nós, isso representa muito, pois mostra que estamos em uma casa que respeita e reconhece o trabalho, que honra, portanto, os princípios do *FotoRio* que é dar visibilidade à fotografia como um bem cultural, ultrapassando gêneros, diferenças raciais e econômicas”, disse.



Exposição O Povo Leva! O Povo Leva! – O Funeral de JK, com fotografia de Juvenal Pereira e curadoria de Milton Guran

Pablo Mena, Relações Institucionais da Helexia, empresa de energia patrocinadora das mostras da temporada França-Brasil, destacou a bonita conexão entre as obras e os desafios que o ser humano vive hoje, em relação ao meio ambiente. “A mesma luz que nutre a natureza também permite fazer essas obras, então estamos muito felizes de não somente poder patrocinar, mas também de fato apoiar essa mudança do planeta que cada vez mais está conectada à sociedade”, ressaltou Mena. Já Anne Louyot, comissária geral da Temporada França-Brasil 2025, saudou a todos, principalmente os fotógrafos e fotógrafas responsáveis pelas exposições e explicou que as três exposições

falam de duas grandes prioridades da temporada: a necessidade de fazer uma coalizão entre o público e o privado para proteger o meio ambiente e a diversidade das culturas, reforçando a importância do Brasil conhecer mais sobre a Guiana Francesa. “A Guiana merece ser mais bem conhecida pelos brasileiros, é uma cultura diferente e uma ponte entre as duas culturas”, pontuou.

Emmanuel Lenain, embaixador da França no Brasil, encerrou a cerimônia de abertura do evento celebrando a parceria entre Brasil e França, marcada pela temporada 2025, que comemora os 200 anos das relações diplomáticas entre os países. “França e Brasil compartilham valores fundamentais: democracia, diversidade cultural, compromisso com o clima e com o meio ambiente e a convicção que o multilateralismo é essencial. A cultura é parte essencial dessa visão e nesses dois países ela ocupa lugar central na vida social, um bem comum, uma força de inclusão e de transformação”, destacou.

Em paralelo, o *FotoRio* apresenta projetos de enorme relevância histórica e social, como *O Povo Leva! O Povo Leva! - O Funeral de JK*, com fotografia de Juvenal Pereira e curadoria de Milton Guran, que documenta momentos marcantes de comoção nacional do emblemático funeral de Juscelino Kubitschek, ocorrido há quase 50 anos; *10 Anos de Guerras sem Fim*, de Gabriel Chaim, com uma visão profunda sobre os conflitos em Gaza e outras regiões do Oriente Médio; e o projeto dos artistas indígenas Kamikia Khisêjtjê, Renan Khisêjtjê e Sâksô Khisêjtjê, que denuncia os impactos do agronegócio sobre seus territórios. Outras três exposições ampliam ainda mais a diversidade dessa edição do festival: *Vale Night*, de Aleta Valente, que convida mães a registrarem suas próprias experiências de liberdade; *Altinha*, de Tanara Stuermer, que propõe ressignificar gestos do jogo popular nas praias do Rio de Janeiro; e *Como Olhar Junto*, de Luiza Baldan, explora memórias e afetos em paisagens portuguesas.

Venha conferir! O *FotoRio 2025* ocupa o CCJF até o dia 8 de novembro. A entrada de todas as exposições é gratuita, de terça a domingo, das 11h às 19h. Mais informações [aqui](#).





Ordinarius celebra 10 anos de álbum com o espetáculo “Rio de Choro” no Centro Cultural Justiça Federal

No dia 24 de setembro, o grupo musical *Ordinarius* ocupou o teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) com o espetáculo *Rio de Choro - 10 anos*. O sexteto criou uma atmosfera de nostalgia na plateia, apresentando, em arranjos vocais à capela ou acompanhados de percussão, clássicos da música brasileira. Com uma performance envolvente, os artistas não se expressaram apenas por meio da voz, mas também do corpo: alguns movimentos organizados e outros espontâneos, como o balançar do corpo em sintonia, conquistou a atenção do público para o palco. Além disso, a oscilação na intensidade das vozes ao cantarem as músicas foi um dos efeitos que garantiram o sucesso do show.

Atualmente, o sexteto é formado por Augusto Ordine (diretor musical e fundador), Maira Martins (coordenadora), Matias Correa, Antonia Medeiros, Beatriz Coimbra e Fabiano Salek. Os artistas optaram por comemorar 10 anos do lançamento do seu álbum *Rio de Choro* no CCJF, parceiro de longa data do Ordinarius, e, honrando a identidade brasileira e atemporal do grupo, selecionaram músicas como “André de sapato novo”, de André Correa, “Rosa”, de Pixinguinha, e “Santa Morena”, de Jacob do Bandolim, “Um chorinho em Cochabamba”, de Edu Neves e Rogério Caetano, e “Baião de quatro toques”, de Zé Miguel Wisnik e Luiz Tatit. A distribuição do repertório entre os integrantes permitiu que todos tivessem momentos de destaque, tornando possível a visualização de cada talento individualmente, mas sem perder a percepção de unidade.

Durante o espetáculo, vários momentos de interação com o público foram vivenciados, criando uma conexão e um sentimento de pertencimento entre o grupo e os fãs. Pessoas

rindo, cantando junto, balançando as pernas no ritmo da música, tudo isso aconteceu quase que inevitavelmente. “Eu aprecio a música, já fiz parte de alguns projetos e foi uma experiência maravilhosa estar aqui hoje. Foi a primeira vez nesse show e foi uma viagem no musical, no tempo, foi lindo”, disse a amante de música, Moézia Castilho. Já Soraya Camillo, agente artística, descreveu a sua paixão antiga pelo *Ordinarius*. “Eu que vivo fora, já vi várias vezes. Eu sou uma das agentes deles na Europa, mas antes de ser agente, antes de me interessar por trabalhar com eles, os seguia na Internet. Eles têm realmente um trabalho super bom, presente. E, assim, a gente consegue ver a alma de cada um, a personalidade de cada um, a personalidade vocal, a personalidade artística, é um todo e cada um leva uma coisa muito forte individualmente. Então, é isso que mais me marcou e que me deu vontade de trabalhar com eles!”.

Em entrevista com Ordine, ele conta que, na verdade, essa foi a celebração de 10 anos do seu 2º álbum gravado. De acordo com o diretor musical do *Ordinarius*, foi esse disco que permitiu a inclusão do grupo em projetos maiores. “Bom, na verdade, o grupo existe há 17 anos. E no início era uma coisa complicada gravar álbum. Então cada álbum era, na verdade, uma conquista. Não que os de hoje não sejam, mas era o início do grupo (...) A gente não entendia exatamente o nosso lugar, o que a gente podia fazer”, conta. Ele explica que a gravação do 2º disco foi ainda mais emblemática, pois os integrantes conseguiram produzi-lo com o trabalho do grupo, sem tirar recursos do próprio bolso como aconteceu no primeiro álbum. “É um projeto que a gente ama muito, é a música do Rio, né? Música carioca, música que fala do Rio ou que traz essa energia. Eu acho que comemorar esses 10 anos é um marco muito importante. Foi o disco que, por exemplo, nos levou a nossa primeira viagem internacional há 10 anos. E aí dali abriram-se outras portas, porque esse tipo de música é uma música que tem muito apelo, muita entrada em lugares que valorizam a cultura. E daí a gente resolveu comemorar. ‘Olha, o *Ordinarius* está fazendo 10 anos, vamos fazer uma festinha’”, se diverte o diretor musical.

Ao final da apresentação, o *Ordinarius* se despediu com a música “Carinhoso” (Marisa Monte e Paulinho da Viola), convidando a plateia a cantar junto com eles. Enquanto as luzes eram acendidas, foi possível notar que o público aproveitou esse momento para se despedir do show, com muitos aplausos e sorrisos. O grupo ainda abriu espaço para participação dos espectadores após o show, confirmando a sua passagem como uma apresentação marcada pela interação e pela qualidade musical.





Participantes e escritores no encontro que debateu sobre saúde mental, tendo como referência livros de autoria feminina

O que literatura feminina e saúde mental têm em comum?

Depressão, ansiedade, *bounout* e uma infinidade de doenças que afetam a saúde mental da população. Tratar do tema, na sociedade atual, é urgente, já que os transtornos de saúde mental afetam cerca de um bilhão de pessoas no mundo, segundo novos dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para discutir o tema, a Sala de Leitura do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, no dia 6 de setembro, o evento *Literatura Feminina e Saúde Mental*. No encontro, organizado pelas escritoras Beatriz Ras, Nicole Ayres e Carolina Pessôa, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer como a literatura trata das questões de saúde mental, relacionando obras clássicas do gênero com obras contemporâneas. Entre os assuntos destacados, a transição da fase jovem para a vida adulta e a internação, considerando um detalhe: o ponto de vista feminino, já que todas as obras citadas no encontro foram escritas por mulheres.

Antes mesmo da data do evento, uma surpresa quanto ao número significativo de inscrições, um sinal de que o tema atrai a atenção e mexe com o público. “Ficamos surpresas ao receber tantas inscrições! É muito importante falar sobre saúde mental numa sociedade tão adoecida, repleta de casos de depressão, ansiedade e *burnout*. E a arte, em especial a literatura, nos ajuda a lidar com essas questões.” ressalta Nicole. Segundo ela, por meio das personagens, sejam reais ou ficcionais, é possível entender melhor como funciona a mente de uma pessoa em crise, a internação e o processo de cura. “Isso é ainda mais significativo quando falamos do universo feminino, mas abrange todas as pessoas”, explica a escritora.

Ao conhecer e debater obras como *Reino dos bichos e animais é o meu nome* (2001), de Stella do Patrocínio, e *Os montes da Louca* (1997), de Marisa Wagner — que trabalharam questões como a violência, a angústia e a tentativa de apagamento do

sujeito no processo de institucionalização —, ou outras que abordam experiências reais de mulheres em sofrimento psíquico como *Dez dias em um manicômio*, de Nellie Bly; *Garota, interrompida*, de Susanna Kaysen; e *Dançando na Varanda*, de Nicole Ayres, além de *Por Lugares Incríveis* (Jennifer Niven) e *A Redoma de Vidro* (Sylvia Plath), que mostram os desafios dos personagens diante das transformações da vida jovem e adulta, com seus traumas e sofrimentos diante das mudanças vividas, foi possível debater o ato da criação como ferramenta de enfrentamento de tais questões. Afinal, se ninguém está imune a uma crise emocional, o que se pode fazer para preveni-la ou enfrentá-la com mais acolhimento e humanidade?

A resposta para a indagação acima não é trivial, mas se abriga na busca por informações úteis, autoconhecimento e tratamento adequado, pela escuta e compartilhamento de experiências. Foi um pouco do que ocorreu no *Literatura Feminina e Saúde Mental*. Sobre a realização do evento e abertura do espaço, Carolina acredita que o encontro tenha contribuído bastante para a reflexão dos participantes sobre a saúde mental e como ela se relaciona com a literatura feminina, especialmente após o debate realizado ao fim do evento. “Este tema tem estado em pauta com destaque na mídia e no dia a dia das pessoas, por isso acredito ser de grande importância uma instituição como o CCJF sediar uma palestra abordando o assunto”, destaca. Ela espera que os questionamentos levantados se multipliquem e ajudem na formação de uma sociedade mais consciente sobre a relevância do assunto.



No palco co CCJF, banda Magnífica Máquina Maldita leva ao público uma multiplicidade de ritmos

A intensidade das sonoridades da Magnífica Máquina Maldita

No dia 4 de setembro, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu a banda *Magnífica Máquina Maldita* que apresentou o show *Ao Vivo*, que levou o público a uma imersão artística intensa. A banda carioca que, inicialmente, era um alter ego do compositor Eduardo Seabra, é um octeto que explora a sonoridade de diversos instrumentos combinados: Eduardo Seabra (voz, cavaco, teclado e violão), Duda (guitarra), Lourenço Matheus (baixo), Júlia Rodrigues (bateria), André Rodrigues (eletrônica, percussão e teclados), Lia Buarque (flauta e flautim), Nova (trompete) e Xandão Viana (flauta, pife e saxofones).

Com um repertório de composições autorais, o grupo apresenta uma mistura de ritmos de música eletrônica, rock, samba e baião, criando uma atmosfera eclética e intensa. “A densa sonoridade do grupo dá nova vida às canções, nas quais mesclam-se elementos eletrônicos e acústicos, sonoridades da tradição e modernidade”, destacou o vocalista Eduardo Seabra.

O ambiente era marcante e envolvente. No início da apresentação, quando as luzes da plateia se apagaram, o teatro foi tomado por ruídos de maquinário e pela grave voz do compositor experimental baiano Luiz Carlos Cesekö que dizia “Atenção, atenção! Motores acionados, engrenagens em rotação”. A frase foi o sinal para que a banda subisse no palco para apresentar um set de 75 minutos de duração, iniciando a performance com a faixa *Quem Bate*, seguida de canções do álbum *Início, Profecia e Esse Cara Aqui*.

A iluminação, os efeitos e a interação da banda com a plateia ajudaram a criar a atmosfera de um espetáculo memorável, que revelou uma performance artística autêntica. No set principal, o público pôde apreciar composições como *Carranca*, que teve participação da bailarina Flora Bulcão, e *Profecia*, além de músicas inéditas.

O espetáculo do *Magnífica Máquina Maldita* mostrou que a combinação de estilos podem revelar sonoridades agradáveis e versáteis, sem perder a brasilidade proposta pelo show. Depois do bis, ao final da apresentação, a banda deixou o palco aplaudida de pé pela plateia de 90 pessoas de diferentes faixas etárias. Também houve distribuição gratuita de alguns ingressos para estudantes de projetos sociais de música, que estiveram presentes no show.

Seabra, vocalista do grupo, comentou sobre sua experiência em se apresentar no Centro Cultural. “Foi uma grande honra para todos nós tocar no CCJF. Acho que o show foi um grande sucesso em grande parte por causa da equipe da casa, que foi super atenciosa com a gente desde o início do ano. Foi uma ótima forma de estreiar esse nosso novo show. Espero que se repita!”, exclamou o artista.





Especialistas presentes no Cinedebate 'Vamos conversar sobre Alzheimer - Apaz: Kasa Branca' discutem sobre a importância do diagnóstico precoce e acompanhamento da doença

“Vamos conversar sobre Alzheimer”: reflexão e acolhimento no CCJF

No dia 16 de setembro, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o cine debate *Vamos conversar sobre Alzheimer - Apaz: Kasa Branca*, um evento realizado pela APAZ - Associação de parentes e amigos de pessoas com Alzheimer, doenças similares e idosos dependentes.

O evento contou com a exibição do filme *Kasa Branca*, obra que aborda com sensibilidade temas como memória, identidade e relações humanas. Após a sessão, especialistas em saúde e convidados fizeram um debate com o público, trazendo informações técnicas, relatos e orientações sobre a importância do diagnóstico precoce do Alzheimer e do acompanhamento contínuo.

O encontro criou um espaço de troca acolhedor, no qual familiares de pessoas com Alzheimer puderam compartilhar experiências pessoais e levantar dúvidas sobre cuidados no dia a dia. A conversa destacou também a sobrecarga emocional e prática enfrentada pelos cuidadores, apontando caminhos para a construção de redes de apoio.

Mais do que discutir a doença, o cine debate buscou aproximar ciência e vivência, misturando informação e acolhimento. Além disso, mostrou que falar sobre o tema em espaços culturais amplia o alcance da discussão. Durante o debate, o fotógrafo Walter Alves compartilhou sua percepção sobre o filme e ressaltou o quão esperançoso o personagem “Dé” se sentia em relação a avó, declarando ainda que o filme pode ser uma forma de entender como a mentalidade humana funciona em relação ao cuidado. “Eu não queria falar que o filme é um termômetro, mas, de certa forma, ele ajuda a ser uma janela. Uma janela

para se compreender como é que funciona a nossa mentalidade sobre o cuidado. O filme não é, de fato, uma forma de resolução desse problema, mas ele é um apontamento. Ele é um ponto de partida, ele é o trem.

O debatedor Christiano Barbosa da Silva, fisioterapeuta e mestre em Epidemiologia em Saúde Pública destacou a importância do evento. “O encontro foi enriquecedor por promover reflexão, diálogo e troca de experiências, integrando as ações da APAZ no Setembro Lilás”, declarou Christiano. *Setembro Lilás* é a campanha de conscientização sobre o Alzheimer e outras demências que utiliza a cor lilás como símbolo e busca desmistificar a doença, informar sobre os riscos, promover o diagnóstico precoce e valorizar a qualidade de vida dos portadores e cuidadores.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Flávia Miranda

A série Por dentro do CCJF desta edição convida o bate-papo virtual Flávia Miranda, servidora responsável pelo Setor de Artes Cênicas e AudioVisual do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Ela conta sobre escolhas na carreira, funções que exerce no cargo e ainda lembra da ‘virada de chave’ que aconteceu na pandemia, quando decidiu voltar a trabalhar com o que sempre foi seu ofício, arte e cultura. Confira a íntegra da entrevista, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão, e além disso, ingressar na carreira pública?

Flávia Miranda: Sou formada em Artes Cênicas pela UniRio e tenho pós graduação em Gestão Cultural. Já trabalhei como atriz em diversos espetáculos teatrais. Em um momento da minha vida, decidi fazer concurso para ter estabilidade financeira. Escolhi o TRF, em 2010, já pensando em trabalhar no CCJF. No início, passei pela área jurídica, primeiro em uma vara mista em São João de Meriti e depois no 6º Juizado Especial. .

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Flávia Miranda: Sou responsável pelo setor de Artes Cênicas e Audiovisual. Meu trabalho é uma mistura de gestão, produção e curadoria. Trabalho com uma equipe maravilhosa, a qual agradeço muito pela parceria.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal.

Flávia Miranda: Como falei anteriormente, meu objetivo sempre foi trabalhar no CCJF. Eu costumava ir a eventos no Centro Cultural e, mesmo quando passava em frente ao prédio, sempre pensava "um dia vou trabalhar nesse lugar...". Depois de alguns anos na área jurídica, em 2020, naquele momento difícil de pandemia, tive muita vontade de "voltar para casa", ou seja, voltar para a cultura, para as artes. Em 2021, consegui a remoção para o CCJF. Hoje, me considero uma pessoa realizada, sou apaixonada pelo meu trabalho.



A arte como linguagem vital da natureza

Por Manu Alves, artista e escritora

"Como artista, acredito que a arte é um canal potente para despertar empatia e gerar encantamento com a natureza, ao mesmo tempo em que escancara a crise ambiental e grita para reconectar o ser humano à teia da vida da qual ele faz parte."

A arte exerce um papel fundamental na construção da sociedade. Através de obras que provocam novas formas de olhar o mundo e fazem refletir sobre diferentes questões, nos entendemos como responsáveis e pertencentes a um todo. Quando falamos em meio ambiente, a arte assume um papel provocador, propondo a reflexão individual e coletiva sobre nossas ações.

Como artista, acredito que a arte é um canal potente para despertar empatia e gerar encantamento com a natureza, ao mesmo tempo em que escancara a crise ambiental e grita para reconectar o ser humano à teia da vida da qual ele faz parte, afinal, a natureza não é cenário. É sujeito. E sem ela, não há futuro possível.

Nos últimos 8 anos, venho me dedicando a refletir especialmente sobre os polinizadores, em especial as abelhas nativas sem ferrão do Brasil. São mais de 250 espécies espalhadas em nosso território, mas parecemos desconhecê-las por completo. São agentes silenciosos da biodiversidade. Despercebidos em meio a cidade e escondidos na abundante natureza. Ainda posso definir o que resta da natureza como abundante? De qualquer forma, é preciso destacar que a existência humana é dependente das abelhas, e o trabalho de polinização feito por elas sustenta a cadeia alimentar e proporciona o equilíbrio ambiental.

Perda de habitat, uso excessivo de agrotóxicos, mudanças climáticas. Estamos perdendo a biodiversidade do planeta sem nem conhecê-la. Sem entendermos a nossa responsabilidade nisso tudo e em reconhecermos que fazemos parte desse todo.

Foi com esse sentimento de urgência e reverência que criei o “Monumento à Biodiversidade Brasileira”. Em uma caixa de meliponicultura, onde são criadas - pelo homem - abelhas sem ferrão, esculpi diversos pitus, que são as entradas dos ninhos construídas por essas abelhas. Cada espécie molda um pitu com materiais e formatos diferentes, então busquei representar a unicidade de cada uma delas. Um trabalho lúdico que enaltece e divulga a existência destes pequenos seres e que é, ao mesmo tempo, homenagem e alerta. É uma tentativa de tornar visível o que tem sido apagado pela velocidade da vida contemporânea. Ao colocá-lo em espaço público, como o Centro Cultural Justiça Federal, proponho uma pausa para que as pessoas se reconectem com o que pulsa fora dos prédios e das telas. A arte, nesse sentido, é ferramenta crítica, sensível e transformadora.

Hoje, mais do que nunca, precisamos de narrativas que nos façam lembrar que a Terra não nos pertence. Nós pertencemos a ela.



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para imprensa.ccjf@trf2.jus.br por imprensa.ccjf@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™

[Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.